

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Estrela-guia

Melissa Vasconcelos Gomes
escritoramelissavasconcelos@gmail.com

Um filho sente o calor de sua mãe dentro de um abraço forçado – não daqueles naturais, em que, espontaneamente, se acolhe movido pela emoção, e sim, dos que se precisa como forquilha, de suporte, e que, ao fim das contas, torna-se mais caloroso do que aquele que se move pela emoção: um abraço que precisa de proteção.

O filho carrega um olhar amedrontado. Sem resignação, observa as ausências das paisagens que passam pela janela da Kombi. A mãe entranha um olhar preocupado. Talvez pense em quantas canções ficarão guardadas quando seu filho for embora, recorde as incontáveis vezes que pediu paciência a Deus para suportar o peso de uma mãe, um cordão e um filho desamparados. Instante em que pode também ter pensado não suportar a ausência do filho, porque sempre ouviu de sua mãe que os filhos são feitos para o mundo – e bem sabia que,

uma hora, teria de quedar sozinha.

A alta noite chegava, e os caminhos que ninguém caminha começavam a aparecer na vidraça. Ao longo da viagem, pessoas embarcaram e desembarcaram, até que só restaram a mãe e o filho como passageiros. A mãe preferia andar a viagem inteira em pé, sentindo a proteção que o filho lhe passava em um abraço forçado, feito para protegê-lo.

Alta noite já se ia, e voltava para seu lar. A estrela-guia aparecia no céu, límpida, constelada por todas as outras estrelas. O filho sempre fazia um pedido às Três-Marias. Seguia o seco: pão e leite quente no café, arroz, feijão carioquinha, legumes e carne no almoço, bolo de fubá e café quente no lanche da tarde. À noite, a fome não vinha – o filho e a mãe não perdiam tempo para a fome do corpo. A fome do espírito e do afeto eram as maiores necessidades daquela família.

A chuva caía e avisava que o caminho seguia seco – todo espinho deixaria a umidez e secaria com os abraços solares.

Vespa Artista

Marnylton Cabral
marnylton.santos@gmail.com

Na obra “Bruxa Akata”, da escritora estadunidense de ascendência nigeriana Nnedi Okorafor, encontramos uma criação peculiar: a Vespa Artista. Trata-se de uma vespa azul que emerge de um feijão e vive em prol de sua arte. Se você deseja que ela viva por muito tempo, deve deixá-la sair e demonstrar enorme apreço por suas obras. Uma personagem conta que sua mãe possuía uma dessas vespas e que acabou sendo picada ao esquecer de elogiar uma de suas criações. São criaturas altamente sensíveis. Na verdade, ela me lembra várias pessoas que conheço.

A Vespa Artista produz esculturas obsessivamente. Ao final da vida, cria sua obra-prima enquanto morre de modo dramático. Naturalmente, espera aplausos. Recentemente li “Tese sobre uma domesticação”, da incrível Camila Sosa Villada. A protagonista é uma atriz que interpreta “A Voz Humana”, célebre peça de Jean Cocteau. Entre os muitos temas

articulados pelo romance, observamos uma personagem que, através da arte, transforma sua existência em uma performance contínua. Sem *spoilers*, direi que o desfecho da obra me lembrou bastante a Vespa Artista.

Na música penso em “Jóga”, de Björk, do álbum “Homogenic” (1997) e suas “paisagens emocionais” e seus “estados de emergência”. O disco parece emergir de um lugar de exaustão, isolamento e dor transformados em pura matéria artística. Eu poderia citar inúmeras outras obras nascidas desse mesmo espaço abissal, mas pergunto: Realmente criamos nossas obras para que sejam ovacionadas? Ou a necessidade de criar nasce de experiências tão profundas que exigem uma forma mais concreta? Talvez, a criação esteja perigosamente próxima dos nossos anseios de aprovação: a tentativa de transmutar algo íntimo em algo palpável enquanto dizemos ao mundo “Veja o que eu fiz”.

Todo mundo sabe que artista é ressentido. Seria tudo isso vaidade ou morte performática?

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A insustentável leveza do escolher

Yasmim Dourado
Ex-Correspondente **O POVO**

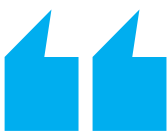
A magnitude da vida sempre é ampliada quando se vê pelos olhos daqueles que vêm antes de nós. Os avós são aqueles que têm um olhar mais sensível sobre nós na tentativa de proporcionar aquilo que não conseguiram proporcionar para os filhos.

No mês de julho, celebra-se o Dia dos Avós, e apreciar a boa companhia daqueles que tornaram nossos pais quem são é sempre bem-vinda. Guardei na alma o que Aline Bei uma vez disse que a maioria das pessoas não tem ainda idade para apreciar uma boa conversa com os avós, eles tendem a partir antes de atingirmos uma idade que dotamos a consciência do tempo.

Certo dia, perguntei para a minha avó: “Quando você era criança, o que queria ser quando crescesse?”. Ela refletiu e disse: “Nada. Eu não tinha como pensar no que ser quando crescesse”. Então, eu perguntei: “Mas você é frustrada quanto a isso?”. E ela, prontamente, disse: “Não, eu não sou. Quando olho o meu passado e vejo onde consegui chegar vindo de uma família ‘pobre de marré’, eu ainda vejo que cheguei longe. Entre ser e ter, eu prefiro ser. Se você conseguir ser e ter, isso é ótimo. Mas, se não, eu prefiro ser. Eu não sou frustrada comigo mesma.”

O amor incondicional não é inerente aos relacionamentos familiares, e, por vezes, é considerado um mito. Afinal, amar não é apenas sentir, mas, também, escolher, e isso demanda certa racionalidade, já que o estar presente é um pilar indubitável para a conexão.

É por isso que o amor entre um neto e uma avó é um vínculo fora da curva por se tratar do amor da escolha. Até porque a obrigatoriedade do elo é muito maior entre pais e filhos do que entre avós e netos. Por isso, escolhe-se ser paciente, ouvir e ser presente com aqueles que têm um carinho por nós.



A magnitude da vida sempre é ampliada quando se vê pelos olhos daqueles que vêm antes de nós

CARLUS CAMPOS



Despedida

Amauri Holanda de Souza

Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Àqueles que amei, levo comigo como quem guarda o perfume das flores que o tempo não conseguiu apagar.

A quem me amou, deixo a minha profunda gratidão.

Àqueles que me amparam nos dias difíceis, ofereço rosas raras, em um gesto de pura afetividade.

O que busquei nem sempre encontrei por completo; e o que encontrei, por vezes, não era aquilo a que meu coração se rendeu.

O que me faltou ensinou-me o valor da esperança; e, até o vazio também moldou a minha trajetória de consciência.

Aquilo que me fez feliz não coube nas fotografias. Mora na alma e na memória que jamais sucumbirão.

A desilusão, essa velha companheira, tirou de mim algumas certezas, mas desenvolveu-me a coragem de sempre recomeçar.

O que me completou nunca foi aquela perfeição, mas a busca por algo virtuoso, partilhada com quem escolheu ficar ao meu lado em tudo — e, por essa escolha, eu repetiria tudo outra vez.

A quem decepcionei, peço o meu perdão. Aos que me decepcionaram, dou-lhes a liberdade do esquecimento.

E, quando chegar a hora final, não quero contar vitórias nem derrotas, mas o sentido de ter existido ou, ao menos, de ter tentado ser aquilo em que me tornei ao longo do tempo.

Quero honrar o meu ser por ter vivido grande parte da minha existência com ousadia. Porque, no fim, somos feitos de encontros e ausências, de amores e despedidas, de sonhos realizados e de outros deixados pelo caminho.

Talvez alguma coisa permaneça de mim em você. Que seja a lembrança serena de alguém que amou o quanto pôde, que soube esperar o tempo necessário e que jamais permitiu que a desilusão lhe roubasse a capacidade de acreditar no amor.

Livrarias...uma específica

Maria José Monte Holanda
Escritora

Estimulante espaço cultural onde a literatura reina e expande a diversidade de pensamentos tendo o livro como suporte absoluto. Como bibliotecária e amante dos livros reverencio-as sempre que posso. Destaco aqui uma, a qual considero um primoroso presente para a humanidade.

Os irmãos José e Antônio Lello compraram em 1894 a Livraria Chardron de um francês na cidade do Porto (Portugal). Em 1906, construíram uma nova sede na Rua das Carmelitas, 144, permanecendo nesse endereço a Livraria Lello, protagonista de enormes filas formadas por pessoas que antecipadamente adquiriram ingressos garantindo um momento de contemplação diante do que ela representa.

Estrutura em Neogótico e Art Nouveau, logo na fachada estão duas figuras pintadas representando a Arte e a Ciência, e se impõem com o bom gosto que nos sinaliza ao entrarmos para a observação de um esplendoroso teto com um vitral de cinquenta e cinco painéis onde em latim se lê “Decus in Labore”. Ainda, de baixo, ao olharmos para a parte superior, as estantes nos convidam para um vasto mundo de informação, romance, mistério, obras de autores portugueses e estrangeiros, em língua nacional e internacionais.

As escadarias helicoidais construídas em betão, com degraus e corrimões pintados de um encarnado vivo são uma beleza. Dizem ter sido fonte de inspiração para a autora da saga Harry Potter, que morou alguns anos na cidade do Porto.

Em 2013 foi classificada como “Monumento de Interesse Público”, pelo Patrimônio Cultural. Livros raros, valiosos, de luxo podem ser adquiridos por altos preços como objetos de estima ou investimento. Bustos de vários escritores portugueses fazem parte do acervo. Na Sala José Saramago estão as primeiras edições dos seus livros traduzidos em vários idiomas e toda a história desse escritor português, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura.